



A Mente Deformável

Roberto Dias Algarte

Outubro de 2015

1 Introdução

Desde o ano de 1892, quando deu início às suas publicações psicanalíticas [1], coligidas e ampliadas no ano seguinte em *Estudios sobre la histeria* [2], até o último artigo importante, *Análisis terminable e interminable* [3], em 1937, Freud buscou obstinadamente conduzir a vertente que criara para o estudo da mente humana pautando-se no rigor científico que herdou de sua pesquisa médica. Durante esses 45 anos, a Psicanálise teve como uma de suas principais preocupações procurar afastar do saber psicológico todo e qualquer traço de misticismo; tendência que, de uma forma ou de outra, pode surgir quando o intuito do estudo é tentar desvendar os tais mistérios da alma. Para conferir esta tão desejada retidão formal à sua teoria, Freud lançou mão de certos conceitos que já estavam consagrados, comuns à terminologia de outros ramos do conhecimento, em particular a Mecânica. Se houve intenção deliberada do neurologista austríaco em tomar emprestado tais conceitos, não se pode afirmar categoricamente, mas fato é que seu pensamento foi moldado pelo positivismo e pelo determinismo dominantes no século XIX, cujo exemplo mais contundente, no âmbito das ciências naturais, era a Mecânica Newtoniana [4, p. 207]. Nela, governam as relações causa-efeito fundadas em eventos observáveis; algo que norteou o pensar filosófico e científico da época. No conjunto dos conceitos de Newton, destacam-se o corpo, que é uma parcela do espaço; a matéria, que é a substância do corpo; a força, interação do corpo que tende a alterar seu movimento; e a energia, que diz respeito a uma propriedade transferível e transformável do corpo, conferindo-lhe uma certa capacidade. Assim, no contexto da ideologia científica oitocentista e de toda essa terminologia física, capaz de descrever e prever com o devido rigor o movimento dos corpos, pode-se atrever a afirmar que foi natural a tendência de Freud em abordar o estudo da dinâmica dos processos mentais que estudava utilizando a linguagem da Mecânica.

Não foram poucas as críticas dirigidas à Psicanálise desde sua criação, procedentes tanto do tradicionalismo científico quanto do moralismo religioso; mas, por seu caráter desagregador, talvez as mais ferozes delas tenham surgido dentro da própria comunidade psicanalítica. A citada abordagem mecanicista de Freud, por exemplo, gerou, ao longo do tempo, posições que a repudiaram: os mais ferrenhos discordantes foram os chamados psicanalistas neo freudianos. Esse grupo, cujos maiores expoentes foram Karen Horney

e Erich Fromm, argumentava uma supervalorização do aspecto sexual na teoria freudiana em detrimento de outras influências, particularmente a ambiental; combatia o que considerava uma simplificação exacerbada dos processos mentais por conta do enfoque mecânico. Fromm disse certa vez numa conferência que *“Freud sempre teve uma visão um tanto mecanicista do processo de cura. Originalmente, ela era assim: quando as afetações reprimidas se revelam ou são descobertas, então a afetação tornada consciente sai do sistema, por assim dizer; isso foi denominado ab-reação, modelo que era bastante mecânico, algo como extrair pus de uma ferida inflamada...”* [5, p. 18]. Embora contundentes, essa e outras críticas não explicam satisfatoriamente de que forma o caráter mecanicista da teoria colabora para o dito reducionismo, para impedir que o fator sócio-ambiental que tanto reivindicam seja considerado. Ocorre que a falta de um fator importante, de uma variável de entrada significativa pode tornar o modelo menos preciso, e até invalidá-lo, dado o nível dessa imprecisão, mas não invalida a abordagem utilizada na modelagem: se o modelo mecânico carece de precisão, não é pela Mecânica, mas por sua falta de proximidade com a realidade observável que busca descrever. Em outras palavras, se a teoria mecanicista de Freud não é satisfatória por conta da desconsideração desse fator ambiental – sem considerar o mérito da importância de tal fator para a estruturação da mente –, não parece admissível descartar o método mecanicista pela eventual insipiência do modelo mecanicista; sem falar que também a Mecânica, bem como outras áreas do conhecimento, admite grandezas com múltiplas variáveis: a influência sócio-ambiental poderia ser mais uma delas. A inadequação da teoria freudiana por conta de seu enfoque mecanicista deveria ser combatida mostrando-se a inaplicabilidade dos processos mecânicos aos sistemas mentais; algo que os grupos discordantes nunca fizeram. E assim ocorreu porque a estratégia adotada por Freud é boa, é apropriada aos fenômenos que se passam no psíquico; nela, estão presentes termos como tempo, espaço, força, movimento, direção, sentido, trabalho, energia e sua transferência, tensões e sua concentração, fadiga, entre outros.

Nesse contexto, onde se admite a abordagem mecanicista como enfoque apropriado para a descrição dos processos mentais, este trabalho pretende explorar tal estratégia, aproximando-a ainda mais dos conceitos mecânicos já utilizados por Freud, e propondo a ideia de uma mente que, embora intangível, se deforma sob o efeito dos estímulos aos quais é submetida. Trata-se de um breve exercício de analogia que busca seguir, com a máxima fidelidade possível, tanto os conceitos da Mecânica quanto o entendimento fenomenológico freudiano à respeito da mente humana. Nesse sentido, a seção a seguir

incluirá primeiramente uma subseção de definições fundamentais, onde serão apresentados, com o rigor adequado, conceitos mecânicos que servirão de suporte para a reescrita de alguns termos utilizados no modelo das “lentes emparelhadas” [10, p. 529]. A partir desse conjunto de termos mecânico-psicanalíticos, apresenta-se o modelo proposto, que busca contemplar numa linguagem mecânica alguns dos processos mentais levantados na apresentação dos sistemas Ψ .

2 O Modelo da Mente Deformável

No modelo dos sistemas Ψ , Freud se permitiu “localizar” as diferentes regiões do aparato psíquico, conferindo-lhes, de certa maneira, uma propriedade espacial. Ele adverte, entretanto, que essa localização se faz necessária não para dar forma a cada uma das regiões, mas para viabilizar a visualização esquemática dos caminhos pelos quais trafega o fluxo das excitações. Sobre o assunto, ele comenta: “*En rigor, no necesitamos suponer un ordenamiento realmente espacial de los sistemas psíquicos. Nos basta con que aya establecida una sequencia fijas entre ellos, vale decir, que a raíz de ciertos procesos los sistemas sean recorridos por la excitación dentro de una determinada serie temporal.*” [10, p. 530]. Assim, desde que se preserve o papel de cada um dos sistemas, a direção e o sentido do fluxo das excitações ao percorrê-los em suas sequências definidas, não compromete os fundamentos da teoria um eventual esquema do aparato psíquico diferente da analogia do “emparelhamento de lentes” empregada por Freud. Nesse sentido, a presente seção objetiva apresentar um modelo pictórico alternativo para a estrutura mental, seguindo uma abordagem baseada na Mecânica do Contínuo.

2.1 Base Conceitual

No intuito de tonar o texto auto-contido no que se refere aos fundamentos mecânicos, a subseção seguinte vai listar definições simplificadas de alguns termos típicos do jargão da Mecânica do Contínuo, necessários à reescrita dos conceitos psicanalíticos importantes ao escopo deste trabalho, apresentada na segunda subseção desta base conceitual. Convém ressaltar que os conceitos e definições aqui apresentados são utilizados na descrição do modelo proposto.

2.1.1 Fundamentos Mecânicos

Espaço, Tempo e Matéria. O conceito de espaço diz respeito ao contexto que viabiliza o estudo da forma - a *morfologia* - e da *posição* de algo. Caso se busque investigar a geometria que define o formato de algo e também o lugar relativo que ocupa, então o espaço é o local onde tal investigação ocorre. O tempo refere-se à caracterização da *cronologia*: eventos que se sucedem, que acontecem um após os outros. Em outras palavras, se há interesse na cronologia de algo, então o tempo permite particularizar cada um dos eventos que envolvem esse algo. Na Mecânica Newtoniana, espaço e tempo são conceitos independentes, muito embora a abordagem relativística considere a cronologia como parte integrante da morfologia. O ente que dá *substância* ao mundo natural, complementando suas características morfológicas e cronológicas, é chamado de matéria [7, p. 1].

Corpo. Trata-se de uma parcela de matéria, selecionada para estudo, que possui uma determinada estrutura morfológico-posicional em um determinado instante cronológico. Pode-se relacionar cada instante cronológico com uma determinada estrutura morfológico-posicional do corpo. À esse conjunto, dá-se o nome de *movimento*. Um corpo é dito monolítico ou *contínuo* se não possui vazios em sua estrutura material¹. Ele também é chamado *homogêneo* se possui as mesmas propriedades constitutivas em cada um de seus pontos e *heterogêneo* se não possui essa propriedade.

Força e Energia. Força é o ente físico dotado de intensidade, direção e sentido, que atua no corpo, alterando sua característica de movimento. Sob a ação de forças, um corpo contínuo é dito *deformável* se é passível de sofrer alteração morfológica e *rígido* se não possui tal característica. O grau de dificuldade que um corpo oferece à deformação denomina-se *rigidez*. Assim, um corpo rígido possui rigidez infinita. Uma força é dita de *contato* se atua em alguma superfície interna ou externa do corpo contínuo. Para os fins deste trabalho, energia é uma propriedade transferível e transformável do corpo que lhe confere uma capacidade. A Lei da Conservação da Energia reza que nessas transformações e transferências, a energia não se perde, ou seja, se conserva. O grau de facilidade que um corpo admite transferir energia chama-se *condutividade*.

¹Matéria monolítica é uma simplificação admitida em prol de uma conveniência matemática.

Tensão e Deformação. Quando um corpo deformável sofre uma deformação devido à ação de forças de contato, cada um de seus pontos internos adquire uma quantidade infinita de forças que neles atuam. Tensão é uma condição, um estado do ponto, definido pela deformação sofrida pelo corpo, a partir do qual se identifica cada uma dessas forças. Assim, em termos simplificados, a tensão num ponto caracteriza o estado geral das forças que nele atuam. Se a deformação sofrida pelo corpo é permanente, ou seja, se retiradas as forças, o corpo não retorna à sua forma original, então diz-se que ele sofreu uma *deformação plástica*; caso contrário, se a deformação for reversível, diz-se que ele sofreu *deformação elástica*. Além de tensão em seus pontos internos, um corpo deformado acumula a chamada *energia de deformação* que, como toda e qualquer energia, pode ser transformada ou transferida. Vale dizer que para uma determinado nível de deformação, a rigidez do corpo é diretamente proporcional à energia de deformação acumulada, ou seja, corpos mais rígidos acumulam mais energia.

2.1.2 Fundamentos Mecânico-Psicanalíticos

Força. Uma das características essenciais do ser vivo é a irritabilidade, ou seja, a capacidade de reagir a estímulos. Isso significa que uma condição necessária para a vida é a capacidade de captar os estímulos do ambiente e proceder ações para modificá-lo. Desse ambiente que o cerca, o ser humano recebe estímulos sensoriais, captados como *forças sensoriais*, e do substrato que o constitui, ele recebe estímulos endógenos, assimilados como *forças endógenas*. Nessas últimas destacam-se as *forças instintivas*, que possuem uma atuação constante (princípio da constância) [9, p. 114] por emanarem do instinto, ou seja, daquelas informações que, de certa forma, já vêm pré-programadas na matéria que constitui o ser vivo e das quais ele não consegue se evadir.

Mente. Trata-se do conjunto das faculdades humanas responsável pelo processamento de estímulos, cujo objetivo é viabilizar ações humanas, relacionadas aos estímulos (princípio da adequação aos fins) [9, p. 114], capazes de modificar o ambiente. Por processamento, entende-se atividades relacionadas à transformação das forças, oriundas dos estímulos, em algum ente registrável - imagens, por exemplo - e ao posterior tratamento do conteúdo energético que surge atrelado a cada um desses registros. Para esse tratamento, a mente divide-se em três instâncias distintas: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. Assim, para os fins deste trabalho, a mente será considerada um corpo heterogêneo defor-

mável: heterogêneo porque se constitui de partes com diferentes propriedades e deformável porque, sob ação de forças, é capaz de se deformar e acumular energia. Nesse contexto, a heterogeneidade da mente, que a divide nas três partes citadas, se dá pelas diferenças de rigidez e condutividade ao longo da sua estrutura constitutiva.

Tensão e Impressão. Durante o processo da chamada identidade perceptiva [10, p. 558], a primeira etapa é a marca, a impressão deixada na mente pelas forças atuantes. Nessa impressão, surge uma tensão associada, cujo tratamento devido ocorre em etapas posteriores do processo. Por seus efeitos geradores de tensão, considera-se aqui que essa impressão é uma deformação sofrida pela mente. Quando as forças atuantes na mente são intensas o suficiente para provocar uma deformação plástica, diz-se que a mente sofreu um *trauma*; caso contrário, admite-se que a deformação (elástica) persiste até que as forças desapareçam. Associada à impressão, há também uma energia, denominada energia de deformação, cuja quantidade é proporcional à intensidade das forças aplicadas e à rigidez da mente. Em resumo, sob a ação de forças, a mente se deforma de uma maneira *elastoplástica*, acumulando uma certa quantidade energia de deformação.

Desejo. Um estado de tensão em algum ponto da mente representa uma perturbação em sua *homeostase* [8, p. 12]. A fim de retomar seu *equilíbrio dinâmico*, o aparato psíquico despense energia para diminuir temporariamente a rigidez local do ponto em questão, descarregando a energia de deformação nele acumulada ou parte dela, de tal forma que resulta aliviada a tensão associada. À essa energia que o aparato dispõe com o fim último de aliviar tensões chama-se desejo. A energia de deformação descarregada transforma-se numa modalidade de energia psíquica capaz de trafegar pelo aparato. Quando a força que provoca a deformação mental é constante, o processo de alívio da tensão resultante é apenas temporário, pois a diminuição local da rigidez promovida pelo desejo é também temporária. Uma vez que se retorne à rigidez original após a descarga total ou parcial da energia de deformação, num contexto de forças constantes, retoma-se o nível de energia de deformação anterior. Por tudo isso, pode-se dizer que a mente, além de deformável, também possui a faculdade de conduzir, de transferir energia.

Pulsão. Freud afirma que “*La pulsión [...] no actúa como una fuerza de choque momentánea, sino siempre como una fuerza constante.*” [9, p. 114]. Os autores Laplanche & Pontalis definem pulsão como “... *uma pressão que direciona o organismo à uma meta.*”

[11, p. 214]. Sobre ela, Brenner fala de um “ente psíquico, geneticamente determinado, que [...] produz um estado de excitação psíquica ou, como diríamos, de tensão.” [12, p. 17]. Roudinesco & Plon, por sua vez, a entendem como uma “carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem.” [13, p. 628]. Desses excertos, nota-se que há uma multiplicidade terminológica para a definição de pulsão: os termos utilizados força, pressão, tensão e energia podem eventualmente estar relacionados entre si, mas possuem significados absolutamente distintos. De qualquer forma, a ideia central dos eminentes autores citados é a de que pulsão se refere a um evento perturbador da homeostase psíquica, efeito de um estímulo externo à mente, que é endógeno e constante. Nesse sentido, tomando corretamente os termos mecânicos já apresentados, pulsão é a tensão resultante de uma deformação mental provocada por uma força instintiva. Dessa forma, a distinção fica clara: o instinto se manifesta no domínio das forças enquanto a pulsão no domínio das tensões; o primeiro é a causa, o segundo, o efeito e ambos se relacionam por uma deformação. No importante campo sexual, a força instintiva é denominada *força sexual* e a tensão resultante, *pulsão sexual*. O desejo responsável por buscar o alívio temporário da pulsão sexual é denominado *libido*. Importante ressaltar que embora a força sexual seja a causa primeira e mais importante da pulsão sexual, outras forças, de caráter intermitente ou não, podem influenciar essa tensão. Assim, conclui-se que uma determinada modalidade de pulsão pode ser influenciada pelas mais diferentes forças, além daquela que a gerou.

2.2 Dinâmica Mental

Uma vez expostos as definições e os conceitos mecânico-psicanalíticos fundamentais, pode-se proceder à apresentação do modelo mental proposto, bem como a dinâmica básica de seu funcionamento. As explicações a seguir se apoiarão no esquema apresentado na figura 1, onde foram respeitadas as diretrizes funcionais expostas por Freud no seu modelo de “lentes emparelhadas”. Em relação a essa analogia de Freud, convém reiterar que o modelo proposto busca aprimorá-la, incluindo a representação da micro-fenomenologia energética envolvida nos processos mentais.

Na figura, a elipse **M** representa o corte transversal da mente, concebida como um elipsoide que está aderido ao substrato do corpo, à direita. Na sua superfície, a mente interage com duas zonas de carga: a zona de forças endógenas F_e , na qual se incluem as forças instintivas, e a zona de forças sensoriais ou *exógenas* F_s . No ponto de ligação

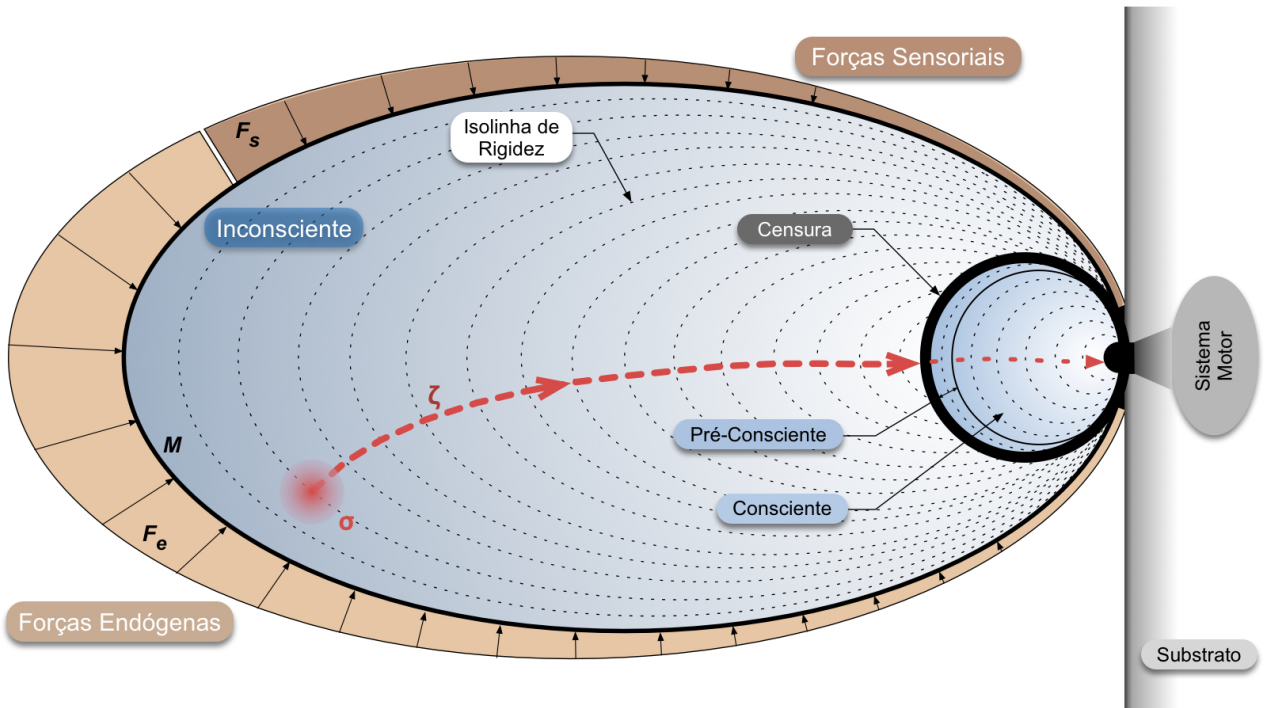


Figura 1: Modelo da mente como um corpo deformável

com o substrato, M acessa o sistema motor. Na sua parte interna, separadas por duas superfícies esféricas mais à direita, a mente possui três regiões, descritas a seguir.

- i. Inconsciente: maior região da mente, cuja rigidez constitutiva decresce *continuamente* desde a superfície externa, que interage com as zonas de carga, até a superfície da censura. Com esse decréscimo contínuo da rigidez, a condutividade se eleva da mesma forma; fazendo com que o sentido de um eventual fluxo energético percorrendo o inconsciente tenda para a superfície da censura. A figura mostra também a forma elíptica das linhas de igual rigidez ou condutividade (isolinhas), com as quais a trajetória de um fluxo energético sempre se encontra formando um ângulo reto, conforme mostra a trajetória ζ . Tal qual uma membrana pouco permeável, a censura permite a passagem de uma pequena parcela do fluxo de energia que a atinge, ficando o restante represado no inconsciente.
- ii. Pré-Consciente: região compreendida entre a superfície da censura e a do consciente. Da censura até o consciente, há também um decréscimo contínuo de rigidez com acréscimo de condutividade. O pré-consciente recebe as pequenas parcelas de energia que conseguiram atravessar a superfície da censura e que rumam para a superfície do consciente, que é uma membrana bem mais permeável que a primeira. Também há

acúmulo energético nesta região quando as intensidades envolvidas são insuficientes para alcançar o consciente.

- iii. Consciente: região esférica que recebe os fluxos energéticos vindos do pré-consciente. As isolinhas circulares de rigidez iniciadas no pré-consciente continuam ao longo do consciente. A condutividade média do *sistema secundário*, formado pela esfera da censura e o seu interior, é menor que a condutividade média do *sistema primário*, formado pela superfície mental e o inconsciente. Por conta disso, a vazão energética do sistema secundário é menor que a do primário. Assim, pode-se dizer que a rigidez média nessa região é maior do que no inconsciente. O fluxo energético que alcança o sistema secundário, intenso o suficiente para alcançar o consciente, toma o sentido do ponto de ligação entre a mente e o substrato, sempre atravessando as isolinhas em ângulo reto.

Quando as forças das zonas de carga são suficientemente intensas, pode ocorrer deformação num determinado ponto do inconsciente, o que provoca uma tensão σ , representada na figura. Tensões nessa região, constantes ou não, são perturbações em sua homeostase, percebidas organicamente como incômodos. Assim, o desejo busca movimentar o inconsciente a fim de diminuir temporariamente a rigidez no ponto, aliviando a tensão. Uma vez diminuída a tensão, a energia de deformação descarregada percorre a trajetória ζ até a censura, pela qual uma pequena parcela passa, ficando represada a maior parte. Essa energia retida pode se agrupar com outras quantidades retidas anteriormente, advindas de outras descargas, até que se atinja a intensidade necessária para que uma nova parcela atravesse a censura. Pode ocorrer também que o desejo forneça a energia psíquica faltante para essas parcelas acumuladas alcançarem o pré-consciente. Durante o trajeto até a censura, fluxos com trajetórias muito próximas podem se fundir e assim adquirir mais intensidade para vencer a censura. O fluxo energético que alcança o pré-consciente passa a trafegar em velocidades menores e ainda precisa vencer - com menos esforço do que a censura - a superfície que delimita a região do consciente. Também na região interna do sistema secundário, os fluxos podem se fundir, energias acumuladas podem se agrupar e o aparato pode prover com uma eventual energia psíquica. Quando uma tensão que surge em algum ponto do inconsciente for uma pulsão, por exemplo, não existe a possibilidade de uma descarga total da energia de deformação acumulada e assim, tão logo uma parcela dessa energia é descarregada, forma-se uma nova quantidade, pois as forças envolvidas são instintivas e a diminuição da rigidez local é temporária.

As zonas de carga são partes integrantes dos sistemas endógeno e sensorial. Assim, conclui-se que a superfície de M em contato com tais zonas também está em contato com os sistemas respectivos. Pode ocorrer que os níveis de tensão acumulada no inconsciente sejam tais que suas descargas tomem sentido inverso ao usual (*regressão*) e transbordem para os sistemas sensorial e endógeno. Quando isso ocorre, surgem manifestações somáticas, tanto sensoriais (*alucinações*) quanto no restante do corpo. Durante o sono ou estados similares a ele, o gradiente de condutividade energética que atravessa as isolinhas fica bastante reduzido, facilitando-se também o tal fluxo inverso ou regressivo. Nesse estado, reduz-se bastante a parcela de energia psíquica responsável por manter o vigor da censura, que controla o acesso ao pré-consciente. Em resumo, no estado de sono, as descargas energéticas advindas do alívio de tensões ficam significativamente mais favorecidas.

3 Conclusão

O modelo proposto para a representação pictórica da mente explorou mais profundamente a abordagem mecanicista concebida por Freud em seus sistemas Ψ . O suporte de conceitos mecânicos conferiu uma certa carga de consistência, de cientificidade às explanações posteriores, em particular à dinâmica mental. Em termos visuais, no aparato psíquico apresentado estão bem evidentes as diferentes regiões que o compõem; fato que viabilizou a precisa descrição dos processos envolvidos, incluindo eventos de micro-fenomenologia. A ideia de uma mente que, tal qual um corpo deformável, possui uma rigidez tornou mais palpáveis as explicações sobre as impressões que são impingidas ao inconsciente pelas forças atuantes. O conceito de condutividade, por sua vez, proporcionou a descrição das trajetórias dos fluxos energéticos e as diferentes barreiras que precisam transpor. Essas duas grandezas constitutivas da mente foram consideradas de caráter dinâmico, pois se alteram de acordo com os estímulos e as necessidades energéticas envolvidas, conferindo ao aparato psíquico como um todo características típicas de um organismo vivo.

Uma continuidade deste trabalho seria procurar descrever, tomando como base o modelo aqui proposto, a dinâmica envolvida em cada uma das principais neuroses, evidenciando as anomalias e desvios fenomenológicos em relação aos usuais processos mentais, que estão descritos neste trabalho.

Referências

- [1] Mitchel, S.; Black, M. **Freud and Beyond: A History of Modern Psychoanalytic Thought**. Basic Books, Nova Iorque, 1996.
- [2] Breuer, J.; Freud, S. *Estudios sobre la histeria*. In: **Obras Completas, Volumen 2 (1886-99)**. pp. 1-309. Trad. de José L. Etcheverry. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2012.
- [3] Freud, S. *Análisis terminable e interminable*. In: **Obras Completas, Volumen 23 (1937-39)**. pp. 211-254. Trad. de José L. Etcheverry. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2012.
- [4] McLaughlin, R. *Freudian Forces*. In: **Measurement, Realism and Objectivity: Essays on Measurement in the Social and Physical Sciences**. Springer, Dordrecht, 1987.
- [5] Fromm, E. **The Art of Listening**. Continuum, Nova Iorque, 1994.
- [6] Freud, S. *La Regresión*. In: **Obras Completas, Volumen 5 (1900-01)**. pp. 527-542. Trad. de José L. Etcheverry. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2012.
- [7] Weyl, H. **Space-Time-Matter**. Dover Publications, Mineola, 1952.
- [8] Fenichel, O. **The Psychoanalytic Theory of Neurosis**. Norton, Nova Iorque, 1945.
- [9] Freud, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*. In: **Obras Completas, Volumen 14 (1914-16)**. pp. 105-134. Trad. de José L. Etcheverry. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2012.
- [10] Freud, S. *La interpretación de los sueños (segunda parte)*. In: **Obras Completas, Volumen 5 (1900-01)**. pp. 345-611. Trad. de José L. Etcheverry. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2012.
- [11] Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. **The Language of Psycho-Analysis**. Norton, Nova Iorque, 1973.
- [12] Brenner, C. **An Elementary Textbook of Psychoanalysis**. Anchor Books, Nova Iorque, 1974.
- [13] Roudinesco, E.; Plon, M. **Dicionário de Psicanálise**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1998.